

Christian Plantin

A ARGUMENTAÇÃO

Tradução de
Rui Alexandre Grácio & Martina Matozzi

Ficha técnica

© Éditions du Seuil, Paris, 1996
Título original: *L'argumentation*

Título:

A argumentação

Autor:

Christian Plantin

Tradução:

Rui Alexandre Grácio & Martina Matozzi

Capa:

Grácio Editor

Coordenação editorial:

Rui Alexandre Grácio

Design gráfico:

Grácio Editor

Impressão e acabamento:

Tipografia Lousanense

1ª Edição: Junho 2010

ISBN: 978-989-8377-05-0

Dep. Legal:

© Grácio Editor
Avenida Emídio Navarro, 93, 2.º, Sala E
3000-151 COIMBRA
Telef.: 239 091 658
e-mail: editor@ruigracio.com
sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

1.

O QUE A ARGUMENTAÇÃO DEVE AOS SOFISTAS

A. AS NARRATIVAS FUNDADORAS

a. A catástrofe original

Todas as ciências humanas têm os seus **mitos fundadores**. Os da argumentação estão certamente entre os mais antigos, uma vez que remontam ao século V a.C.. Conta-se que, nessa época, a Sicília era governada por dois tiranos que expropriaram terras para as distribuírem pelos seus soldados. Assim que no ano de 427 a.C. uma insurreição derrubou a tirania, os proprietários espoliados reclamaram as suas terras, originando processos sem fim. Foi nestas circunstâncias que Córax e Tísias teriam composto o primeiro «método raciocinado» para falar perante o tribunal, ou seja, noutros termos, o primeiro tratado de argumentação.

Esta história mereceria ser tanto mais verdadeira uma vez que dá à argumentação uma origem curiosamente paralela à da geometria. Com efeito, Heródoto (século V a.C.) atribui a invenção desta ciência aos egípcios que, todos os anos, tinham de se confrontar com os estragos provocados pelas cheias do Nilo. Tratava-se, em suma, em ambos os casos, da questão de limites apagados, aqui pelo rio, acolá pelo tirano. Como estabelecer as fronteiras das propriedades? Para as catástrofes **naturais**, uma resposta geométrica; para as catástrofes **culturais**, uma resposta pela **argumentação**. Esta oposição conservou algo de exemplar na distribuição de papéis que faz.

b. Quem perde ganha

Outros problemas, que não pararam de alimentar a reflexão sobre a argumentação, estão presentes também na sua origem. Algumas narrativas fazem de Tísias um discípulo de Córax. Córax teria aceitado ensinar as suas técnicas a Tísias e ser pago em função dos resultados obtidos pelo seu aluno — o que prova, aliás, uma bela confiança na eficácia destas técnicas. Se Tísias ganha o seu primeiro processo deve pagar ao seu mestre; se perde, não tem que pagar nada.

Que fez Tísias, depois de ter terminado os seus estudos? Instaurou um processo ao seu mestre, sustentando que nada lhe devia. Com efeito, este primeiro processo, ganha-o o aluno Tísias, mesmo que perca. Primeira hipótese,

ele ganha; pelo veredicto dos juízes ele não deverá nada ao seu mestre. Segunda hipótese, ele perde; pela combinação privada com o seu mestre, ele nada lhe deve. Em ambos os casos, Tísias nada deve a Córax.

Que responde Córax? Constrói o seu contra-discurso retomando, palavra por palavra, o esquema da argumentação de Tísias, mas **invertendo-o**. Por conseguinte, primeira hipótese, Tísias ganha o processo; donde, pela combinação privada, ele deve pagar. Segunda hipótese, Tísias perde o processo; pela lei, Tísias deve pagar pelo ensino recebido. Nos dois casos, Tísias deve pagar. Os amadores notarão que desta vez é com o cinema que os estudos da argumentação partilham esta variante da cena primitiva de *O Regador Regado*. A anedota deve ser lida a vários níveis. Poderíamos tomá-la como uma brincadeira de mau gosto, como os juízes que, face a esta aporia (dilema insolúvel), correriam os contendores a golpes de vara. Mas poderemos ver funcionar, sobretudo, uma operação maior da argumentação: **a inversão de um discurso por outro discurso**; tudo o que é feito através das palavras pode ser desfeito pelas palavras. Sublinhar-se-á, principalmente, a **contradição** decorrente das obrigações derivadas da combinação privada e as que estão ligadas a uma decisão de justiça. É uma das tarefas constantes da argumentação tentar desembrulhar as situações às quais se aplicam sistemas de **normas heterogéneas**.

B. AS ARGUMENTAÇÕES «FORA DA NORMA»

Liga-se geralmente a Aristóteles (384-322 a.C.), pai de todas as coisas, os inícios da reflexão sobre a argumentação. Seria danoso fazê-lo em detrimento dos **sofistas**. Os sofistas (século V e início do século IV a.C) eram autênticos sábios e submeteram as concepções éticas e sociais que prevaleciam na sua época a uma crítica particularmente corrosiva. A sua obra pode ser comparada à dos filósofos das Luzes. A má reputação que permanece associada ao seu nome deve-se inteiramente às deformações que as críticas de Platão (427-347 a.C.) impuseram ao seu pensamento e à sua prática. Toda a abordagem da argumentação comum deve ter em consideração as *aquisições* da sofística. Sublinhemos alguns pontos decisivos.

a. A «antifonia»

Devemos aos sofistas a prática sistemática de colocar em oposição os discursos, a que podemos chamar **antifonia**. Todo o argumento pode ser invertido e todo o discurso responde a um contra-discurso produzido de um outro ponto de vista e projectando uma outra realidade. Aconteceu um acidente no ginásio: